O Estado Novo II, o Atlas e um truque com chancela de Cambridge

Santana Castilho

1. A associação Empresários pela Inclusão Social (EPIS) encomendou ao Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova (CESNova) um *Atlas da Educação*. Fiz leitura suficiente para encontrar informação importante e útil. Mas há três aspectos (custo dos "chumbos", denominada "cultura de retenção" e responsabilização do centralismo pelo falhanço de sucessivas políticas reformistas) que são abordados com uma narrativa pouco cuidada, indutora de leituras menos rigorosas e, uma vez mais, responsabilizando implicitamente, por falta de uma clarificação que era exigível, os mesmos de sempre: os professores.

De todo o documento, o que foi "puxado" para título por dois jornais de referência (PÚBLICO e *Jornal de Notícias*) foi o alegado valor anual do custo da "cultura de retenção" vigente. A leitura apressada das notícias poderá levar a inferir que professores pouco diligentes preferem chumbar os alunos a maçarem-se demasiado. Mas não é isso que se retira da produção académica das ciências sociais (universo a que pertencem os autores do estudo) e da própria OCDE, que consideram as variáveis de natureza cultural e socioeconómica como influenciadoras decisivas no desempenho dos alunos, contrariamente ao discurso oficial, que desvaloriza o peso dessas variáveis e privilegia indicadores de eficiência e eficácia. Os titereiros do Estado Novo II, em véspera de mais cortes na Educação (já anunciados pelo arauto das novidades, Marques Mendes), devem ter ficado agradados com os *sound bites* que o Atlas proporcionou: 250 milhões anuais de "gorduras", que podem ser poupados, se as relapsas escolas forem reeducadas e libertadas da "cultura de retenção".

Que é isso de cultura de retenção? Só pode ser uma coisa: resultado de um sistema de ensino que não dispõe de instrumentos e recursos para remover os obstáculos que impedem que o aluno aprenda. A decisão de reprovar um aluno é dos professores. Mas a "decisão" de não aprender é multifactorial e deve-se, para além do que já referi, a: alunos que não querem aprender; famílias que não sabem, não podem ou não querem intervir, de modo a que os seus filhos cheguem à escola com comportamentos civilizados, que não perturbem as aulas com a indisciplina que os teóricos dos estudos não aguentariam dois dias seguidos, quanto mais uma vida, se tivessem de lhes dar aulas; famílias desestruturadas para quem a escola nada significa para além da obrigatoriedade de a frequentar, se querem receber o rendimento social de inserção; aumento da fome e da pobreza; políticas estúpidas de meritocracia estúpida, que retiram meios e créditos horários às escolas com piores resultados, onde estudam os alunos de risco, que não entram nas privadas, quando eram aquelas que precisariam de reforço de recursos; diminuição criminosa de equipas multidisciplinares, que prevejam as situações que conduzem ao "chumbo", tratado sempre como "despesa", sem contraponto do cálculo do "investimento" que o evite. Era isto que o Atlas devia ter clarificado quando falou de "cultura de retenção". Porque isto não é da responsabilidade dos professores. É da responsabilidade dos políticos, designadamente dos vários ex-ministros que integram o conselho científico da EPIS, que encomendou o Atlas, e do ex-ministro que chefiou a equipa que o produziu.

O grupo de investigadores do CESNova destaca as "características muito marcantes de gestão centralizada" do sistema de ensino, para, subliminarmente, lhes atribuir "o insucesso dos grandes planos de reforma" (produzidas, acrescento eu, pelo seu coordenador e pelos outros ex-ministros que agora são responsáveis pela EPIS). E David Justino, o coordenador, em entrevista superveniente, mostra-se entusiasmado com a municipalização do ensino, em experiência anunciada. Estou cansado de ver ex-ministros colarem-se, depois de saírem de funções, à bondade de políticas que poderiam ter executado. A descentralização de que o sistema carece é por via autonómica efectiva das escolas, que nenhum dos ministros de que falo teve coragem de promover. Mas não precisa de municipalização, metáfora do Estado Novo II para substituir um monolitismo por vários caciquismos.

2. À boa maneira do Estado Novo, o Estado Novo II tem-se afanado em recrutar, obrigatoriamente, voluntários para corrigirem os exames de Cambridge, a que se irão sujeitar os alunos do 9.º ano. Passemos ao largo do provincianismo que paga agora a Cambridge aquilo que os professores portugueses sempre fizeram e bem. Mas denunciemos o truque. O exame que os alunos vão fazer chama-se, na tipologia de Cambridge, *Key for Schools*. Corresponde, na descrição do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas Estrangeiras, ao nível A2. As Metas Curriculares de Inglês, aprovadas por Crato, dizem que este nível deve ser cumprido pelos estudantes do 7.º ano de escolaridade. E que dizem para os do 9.º ano? Que o nível a cumprir é o B1, que corresponde, na nomenclatura de Cambridge, a um exame denominado *Preliminary for Schools*, ou seja, os alunos do 9.º ano vão fazer o exame desenhado para os do 7.º. Terão, obviamente, bons resultados. É este o rigor de Crato, chancelado por Cambridge.

> **Os alunos do 9.º ano vão fazer o exame desenhado para os do 7.º. É este o rigor de Crato, chancelado por Cambridge**

Professor do ensino superior.
Escreve quinzenalmente à quarta-feira
s.castilho@netcabo.pt

Por enquanto

Miguel Esteves Cardoso
Ainda ontem

Viver é difícil. Fácil é ainda não ter nascido ou já ter morrido. Viver é um favor que não se sabe quando acaba – nem como pagar – mas que se sabe, logo à partida, que vai acabar antes de nos apetecer. Todos os dias sinto que foi mais um dia que me foi dado e, ao mesmo tempo, mais um dia que me foi subtraído, que jamais hei-de recuperar.

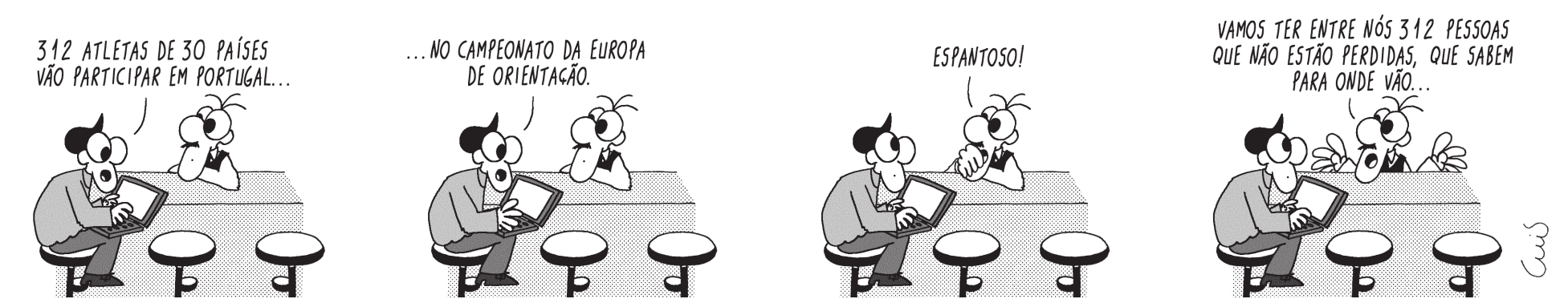
O poeta *punk* John Cooper Clarke, que foi *punk* antes do *punk*, gosta de ler alto um poema dele que diz *"I'm the luckiest guy alive, just waiting for the trouble to arrive"*.

É uma atitude fadista, tão manchesteriana como lisboeta. Ou irlandesa. Ou judia. Ou infelizmente universal: se as manhãs estão bonitas, é caso para alarme porque, mais tarde ou mais cedo, vamos pagá-las.

São só versões microscómicas do "vamos todos morrer". A reacção mais sadia parece ser a de "estar aqui para as curvas". Não só não se diz mal das curvas – que desequilibram e assustam – como se diz que estamos aqui para elas.

Seria bom haver um truque para não estar sempre a pensar nos antecedentes e nas continuações dos momentos. O mal já está em querer que haja um truque.

Também gosto do português "por enquanto..." Está-se bem, por enquanto. Por enquanto, ainda não houve azar. Não se espera outra coisa – o pior pessimismo é autorizado – mas, por enquanto, até que nem se está mal.

Mas é assim que nos custa mais viver, precisamente. Que bom seria se pudéssemos viver sem pensar na vida. Ou ser constantemente lembrado que ela existe.

BARTOON LUÍS AFONSO